



**NERVOUS CONDITIONS: A LITERATURA AFRICANA ESCRITA POR MULHERES E O TEMA DA EDUCAÇÃO FORMAL**

**NERVOUS CONDITIONS: THE AFRICAN LITERATURE WRITTEN BY WOMEN AND THE THEME OF FORMAL EDUCATION**

Cláudia Regina Soares<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Mato Grosso

Divanize Carbonieri<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Mato Grosso

**Resumo:** Este artigo está organizado em dois momentos principais. O primeiro traz a discussão a respeito da recepção crítica em torno da literatura africana escrita por mulheres e do seu desenvolvimento. O segundo instante se refere à análise da construção do tema da educação formal no romance *Nervous conditions* (1988) de Tsitsi Dangarembga. Os dois fragmentos têm em comum o exame da importância da educação formal para a transformação da situação das mulheres africanas. Mesmo que seja vista como algo que pode trazer prejuízos, sobretudo em relação a importantes valores culturais, a educação formal de molde ocidental parece se levantar, na obra analisada, como algo imprescindível para a emancipação feminina no contexto africano. Essa é pelo menos a esperança da protagonista Tambu, que se aferra às suas oportunidades de obter educação, com a esperança de poder ter uma vida mais livre do que as outras mulheres de sua família. Nesse sentido, talvez ainda falte, no romance de Dangarembga, um questionamento mais profundo a respeito do reforço de uma perspectiva eurocêntrica, presente numa educação desse tipo.

**Palavras-chave:** literatura africana; mulheres; educação formal; Tsitsi Dangarembga

**Abstract:** This paper is organized in two main moments. The first features the discussion about the critical reception of African literature written by women and its process of development. The second refers to the analysis of the construction of the theme of formal education in *Nervous conditions* (1988) by Tsitsi Dangarembga. The two fragments have in common the examination of the importance of formal education for the transformation of African women's situation. Even if it is seen as harmful, especially in relation to important cultural values, formal Western-style education seems to be raised in the work analyzed as an essential element for women's emancipation in the African context. That is at least the hope of the protagonist Tambu, who clings to her opportunities for education, hoping to have a freer life than other

---

<sup>1</sup> Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Pesquisadora do grupo LAALID - Literaturas Africanas e Afrodescendentes de Língua Inglesa na Diáspora.

<sup>2</sup> Professora-adjunta do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Coordenadora do grupo LAALID - Literaturas Africanas e Afrodescendentes de Língua Inglesa na Diáspora.

women in her family. In this sense, it may still be missing a deeper questioning in Dangarembga's novel about the reinforcement of an Eurocentric perspective in such a education.

**Keywords:** African literature; women; formal education; Tsitsi Dangarembga

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar o modo como o tema da educação formal é retratado no romance *Nervous conditions* (1988) da autora zimbabuense Tsitsi Dangarembga. Nessa temática, está imbricado o retrato da situação das mulheres africanas durante os períodos colonial e pós-colonial. O Ocidente muitas vezes critica as sociedades tradicionais africanas pelo tratamento que dariam às mulheres, que seriam subjugadas ali de formas mais rigorosas do que nas sociedades ocidentais. Além de ser uma visão estereotipada e, em larga medida, equivocada, esse posicionamento revela a cegueira que os ocidentais apresentam em relação ao papel do colonialismo implantado por eles na África para a atual condição de opressão das mulheres no continente. Pensar que as mulheres africanas usufruíam de mais liberdade antes da colonização europeia é algo que entra em choque com a concepção altamente difundida de que a igualdade de gênero é uma conquista das democracias ocidentais. Uma das justificativas presentes nos discursos coloniais para a exploração de outras terras era levar as luzes da “civilização” aos territórios mais “obscuros” do mundo, e o tratamento mais digno dado às mulheres era certamente considerado um desses luminares.

Obviamente está obliterado dessas noções o fato de que a igualdade de gênero é ainda uma realidade muito distante, mesmo nos países ocidentais mais desenvolvidos. Além disso, é uma visão eurocêntrica, alicerçada em preconceitos raciais, culturais e sociais, que possibilitariam a crença de que as outras culturas são piores ou inferiores às ocidentais. Portanto, a discussão a respeito do modo como vivem as africanas na atualidade não pode se dar de forma simplista. A literatura surge como um importante instrumento para esse exame, não porque seja a transcrição de uma realidade (o que, de fato, não é), mas porque está entremeada de discursos a respeito dessa realidade, discursos que muitas vezes são conflitantes entre si. A literatura

possibilita a investigação de diversas perspectivas envolvidas num determinado contexto, já que não existe narrativa neutra e muitas vezes nem unilateral.

A educação formal de molde ocidental foi uma questão fundamental para as autoras africanas, e isso apareceu em suas obras. Na verdade, o próprio surgimento de uma literatura africana escrita por mulheres dependeu, em grande medida, de um maior acesso às oportunidades educacionais. Nesse sentido, antes de nos determos especificamente na análise do romance em questão, apresentaremos, a seguir, uma discussão a respeito da recepção e desenvolvimento da literatura escrita por mulheres na África.

## **2 A LITERATURA AFRICANA ESCRITA POR MULHERES**

Apesar de reconhecer o aumento de interesse pelas literaturas africanas e afrodescendentes nas últimas décadas, Lloyd Wesley Brown (1981) afirma que:

[a] literatura africana tem que ser entendida como uma literatura escrita por africanos homens, pois o interesse na literatura africana, com raríssimas exceções, excluiu as mulheres escritoras. As mulheres escritoras da África são as outras vozes, as vozes não ouvidas, raramente discutidas (BROWN, 1981, p. 03).<sup>3</sup>

Ele argumenta que ignorar a escrita das mulheres africanas tem sido uma tradição na crítica literária e não simplesmente uma obra do acaso. Quando é abordada, a produção delas acaba sendo negligenciada, como se fosse mais limitada em termos de alcance e profundidade do que a dos homens.

Nesse sentido, a escritora Ama Ata Aidoo (2009) relata um episódio ocorrido em 1985, quando assistiu a uma palestra sobre literaturas africanas ministrada por um estudioso do sexo masculino. De acordo com Aidoo, até o final de sua fala, o pesquisador não citou nenhuma escritora e, ao ser questionado a esse respeito, respondeu que era algo *natural*.

---

<sup>3</sup> Todos os textos utilizados neste artigo têm tradução nossa.

# AFLUENTE

*Revista Eletrônica de Letras e Linguística*

Eu quis morrer. É natural esquecer que uma parte da literatura africana moderna foi produzida por mulheres? Por que deveria isso ser “natural”, esquecer que algumas escritoras africanas têm escrito e publicado há tempos, assim como alguns escritores africanos homens? (AIDOO, 2009, p. 514).

Em seguida, Aidoo menciona diversas autoras africanas e suas obras e se pergunta como o palestrante poderia ter se esquecido delas, já que algumas são inclusive bastante premiadas. Por fim, ela conclui que o maior problema é o fato de que esse não é um caso isolado, pois o professor não é o único a se esquecer das escritoras africanas e de seus livros, sendo apenas alguém que admitiu isso publicamente. Para Aidoo, essa seria, na realidade, uma prática padrão, com muito pouca ou até nenhuma menção às autoras em diversos livros sobre as literaturas africanas. Então, de fato, é possível afirmar que os críticos da literatura africana transmitiram de forma sistemática a impressão de que não existiam escritoras africanas ou, se existiam, a de que seus trabalhos não mereciam análise.

Isso contribuiu certamente para a invisibilidade da mulher escritora, pois a crítica é um importante meio de destacar as obras e os posicionamentos e procedimentos dos autores. Brown busca as razões para tal apagamento numa perspectiva que supervalorizaria as questões macropolíticas, explorando nas obras principalmente os seus discursos contra a colonização econômica e cultural e o eurocentrismo. A questão das mulheres muitas vezes é considerada algo menor porque elas frequentemente não têm espaço no mundo da macropolítica.

O mesmo motivo é explorado por Florence Stratton (1994), para quem os escritores africanos, com o advento do fim da colonização, assumiram o papel de restaurar a dignidade do legado ancestral de suas culturas e mostrá-lo aos seus leitores. Isso significou uma negação da imposição da cultura europeia e um resgate das histórias e valores locais. Por meio da narrativa de seus romances, os escritores manifestavam o desejo de subverter os paradigmas coloniais e racistas que haviam marcado as representações ocidentais a respeito dos povos africanos.

# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

*Things fall apart* (1958) de Chinua Achebe, por exemplo, despontou como um romance modelo para o surgimento e florescimento da literatura africana de língua inglesa. Nele, Achebe, através de uma narrativa marcada por um viés etnográfico, busca restaurar a dignidade da sociedade africana, particularmente a dos igbos da Nigéria, seu grupo de origem. Stratton destaca que o objetivo que norteava Achebe e outros autores como ele era recuperar “a dignidade e o amor-próprio” dos povos africanos, bastante combatidos com a colonização, mas essa tentativa de restauração seria parcial, uma vez que não incluiria o resgate da “dignidade e amor-próprio” da mulher africana. Tendo sido escrito apenas dois anos antes da independência da Nigéria, Stratton declara que *Things fall apart* serviu como uma espécie de legitimação literária do processo de transferência do poder político dos colonizadores para os homens nativos, sendo que as mulheres foram excluídas da política pós-colonial.

Stratton explica que isso ocorreu porque, no romance de Achebe, há uma masculinização da sociedade igbo numa espécie de resposta à feminilização da África e dos africanos forjada pelos discursos coloniais. Portanto, para ela, a ideologia patriarcal presente no romance é usada como um meio de legitimar a luta contra a opressão colonial. Na caracterização de Okonkwo, o protagonista que resiste até a morte à dominação estrangeira, pode-se perceber uma ênfase nos aspectos masculinos da personalidade, sobretudo os de agressividade e objetividade. No entanto, Stratton talvez deixe escapar o fato de que Achebe também parece sublinhar a importância dos aspectos femininos, tanto para o equilíbrio individual quanto coletivo. Aliadas aos temas da projeção social, presente no esforço de Okonkwo para se tornar um homem influente em seu clã, e da guerra, que aparece na representação da rivalidade entre as aldeias e na reação aos colonizadores, também aparecem, no romance, temáticas de cunho mais feminino, como a solidariedade, o afeto e o cuidado entre os membros de uma comunidade.

Okonkwo acaba inclusive tendo um final trágico na história por seu desequilíbrio entre elementos masculinos e femininos. Um outro guerreiro da narrativa, de atitude mais moderada e mais aberto à afetividade, é Obierika, o melhor amigo de

Okonkwo, funcionando como um paradigma mais equilibrado de comportamento masculino. A impressão forjada nesse contraste entre os dois personagens parece ser a de que a sabedoria nativa ancestral penderia mais para o lado de Obierika do que de Okonkwo, punido com a própria morte pelo seu excesso.

Porém, Stratton tem razão ao afirmar que os principais agentes na narrativa de Achebe são os homens. Para ela, as mulheres são retratadas no romance como se estivessem harmoniosamente ajustadas àquela sociedade patriarcal, como se os seus conflitos com a poligamia e a maternidade estivessem apaziguados. Não há muita possibilidade de agência reservada a elas. Portanto, percebemos que o romance que inaugura a literatura africana de língua inglesa<sup>4</sup> molda o tema de subversão à agressão europeia, baseado na dominação masculina e nos discursos patriarcais. A partir daí, a literatura africana masculina parece ter acompanhado essa lógica.

Também examinando esse assunto, a escritora nigeriana Flora Nwapa (2009), por exemplo, assevera que:

[o]s escritores nigerianos homens, como Chinua Achebe, Cyprian Ekwensi, Wole Soyinka, J. P. Clark e Elechi Amadi, em todas as suas obras anteriores, têm minimizado o poderoso papel das mulheres. Ao contrário de Peter Abraham e Ousmane Sembène, os escritores nigerianos homens têm, em muitos casos, retratado as mulheres de forma negativa ou na sua subordinação aos homens. *Jagua Nana* de Ekwensi é uma prostituta; *Amope* de Wole Soyinka é uma mulher incessantemente irritante que torna a vida intolerável para o marido (NWAPA, 2009, p. 528).

Dessa forma, Nwapa ressalta o caráter particularmente misógino da literatura nigeriana de língua inglesa, já que, além de serem relegadas a um papel restrito, as personagens femininas também seriam retratadas sob uma ótica negativa. Portanto, os autores nigerianos homens não teriam, de forma geral, se voltado para o questionamento dos papéis e desigualdades de gênero presentes em sua sociedade.

Também os críticos, segundo Stratton, “têm ignorado o gênero como uma categoria social e analítica” (STRATTON, 1994, p. 01). Um exemplo seria Eustace

---

<sup>4</sup> Nessa caracterização de obra inaugural de *Things fall apart*, certamente conta mais a sua relevância e difusão do que propriamente a sua anterioridade, já que outros romances escritos em língua inglesa por autores africanos foram publicados antes dele.

# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Palmer, que, em *An introduction to the African novel* (1972), considerado um livro pioneiro no assunto, faz referência apenas a uma única escritora africana, Flora Nwapa, mesmo assim, denominando-a uma “romancista inferior”. Isso contribuiu para a exclusão das mulheres na consideração das manifestações literárias africanas, apesar de, por volta da década de 1970, já haver um número significativo de escritoras africanas importantes, como Bessie Head, Buchi Emecheta, Ama Ata Adoo, Efua Sutherland, entre outras.

De acordo com Stratton, uma soma de paradigmas e caminhos críticos forjou uma perspectiva adotada como modelo e reiterada por alguns renomados estudiosos, como, por exemplo: “JanMohamed, Ngũgĩ, Jameson, Ashcroft e seus colegas, que estabelecem as literaturas africanas/‘pós-coloniais’/‘de terceiro-mundo’ como sendo moldadas em uma particular composição de condições sociopolíticas” (STRATTON, 1994, p. 06). Para esses autores, influenciados principalmente por abordagens marxistas, as questões econômicas e políticas teriam preponderância sobre as demais, inclusive determinando-as. Stratton expõe que essas condições são tratadas praticamente como temas universais, sendo que tais teóricos em nenhum momento analisam o gênero como uma categoria sociopolítica relevante também.

Segundo Stratton, esse apagamento do gênero ou a sua assimilação em outros temas seria prejudicial até mesmo para a discussão dos efeitos e processos da colonialidade:

Como estudiosas feministas em vários campos têm argumentado, o colonialismo não é neutro quanto ao gênero. Pelo contrário, é uma ordem patriarcal, sexista, bem como racista na ideologia e nas práticas. O que esses estudos indicam é que a posição da mulher em relação ao homem se deteriorou sob o colonialismo. Eles também demonstram que, enquanto a mulher pré-colonial tinha mais liberdade do que suas descendentes colonizadas, a dominação masculina era, no entanto, uma parte integral da sociedade em que elas viviam. Então, sob o colonialismo, as mulheres africanas foram sujeitos de formas de opressão interligadas: o racismo do colonialismo e as estruturas indígenas e estrangeiras de dominação masculina (STRATTON, 1994, p. 07).

# AFLUENTE

*Revista Eletrônica de Letras e Linguística*

Deixar o gênero de fora das investigações em torno da colonialidade é certamente ignorar aspectos fundamentais para o seu esclarecimento e combate. O colonialismo foi vivenciado de formas diferentes por homens e mulheres, e explorar apenas a experiência dos primeiros é fornecer um quadro parcial e restritivo do fenômeno.

Brown ainda aponta que as representações da limitação da mulher na literatura africana não são responsabilidade exclusiva do colonialismo. Nos romances de escrita feminina, é possível perceber que as autoras exploram, em combinação com o colonialismo, os fatores culturais tradicionais de suas sociedades na concretização das desigualdades de gênero. Porém, também parece bastante evidente a noção de que o colonialismo agravou esse desequilíbrio.

Uma combinação desse tipo pode ser verificada na implantação de uma estrutura educacional exclusivista masculina durante o colonialismo. De um lado, os costumes e tradições ajudaram a oportunizar as vagas na educação colonial mais para os meninos do que para as meninas, uma vez que a educação formal para o sexo feminino esbarrava na questão do papel do casamento e da maternidade. Além disso, em muitas sociedades tradicionais africanas, a mulher, ao casar-se, passava a pertencer à família do marido, e, por consequência, não era viável e nem economicamente rentável oferecer educação às mulheres, já que futuramente não contribuiriam para o sustento de sua família de origem. Como recebiam mais instrução do que suas companheiras do sexo feminino, os homens também tinham melhores oportunidades de trabalho e rendimento durante o período colonial, o que servia para agravar a discrepância que já existia entre os gêneros nas sociedades tradicionais.

Brown e Stratton elencam, como uma das razões principais para o reduzido número de escritoras na África, se comparado ao de autores homens, o fato de não ter havido, até recentemente, uma equidade de oportunidades educacionais para homens e mulheres na África. Se alfabetizar-se já era uma experiência rara para as mulheres, graduar-se numa universidade era ainda mais difícil. E a educação superior tem sido,

# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

como sabemos, uma das características mais recorrentes nos autores africanos que se dedicam a escrever nas línguas europeias.

Apesar de todas essas dificuldades, a literatura africana escrita por mulheres acabou conseguindo se firmar. O marco dessa produção parece ter se dado em 1966. Stratton nos informa que, nesse ano, ocorreu a publicação de dois romances, *The promised land* da queniana Grace Ogot, publicado pela editora East African Publishing House, e *Efuru* da nigeriana Flora Nwapa, publicado pela editora Heineman. No entanto, a crítica *mainstream* não destacou esse acontecimento e mesmo a crítica feminista foi parcial, enfocando apenas o romance de Nwapa. Mas, conforme Stratton segue explicando, ambos os romances incluem estratégias de resistência vinculadas às questões de gênero.

Além de *The promised land*, Ogot também publicou mais um romance, *The graduate* (1980), e ainda uma certa quantidade de contos. Alguns de seus contos foram inclusive escritos em *Dholuo*, uma língua africana nativa do Quênia. A questão do uso da língua indígena também foi levantada por Ngũgĩ wa Thiong'o. Stratton ressalta que ter publicado na língua nativa trouxe a Ngũgĩ uma posição de destaque na literatura africana e nos estudos pós-coloniais, enquanto que Ogot, mesmo assumindo o mesmo procedimento, recebeu críticas negativas ou foi até mesmo ignorada pela crítica.

O romance de Nwapa, *Efuru*, por sua vez, pode ser analisado em contraponto a *Things fall apart*, de Achebe, que foi o primeiro romance de uma série publicada pela referenciada editora da época, a Heineman, com sede em Londres. O contraponto seria possível porque Nwapa também enfoca o início colonização da Nigéria, agora a partir da perspectiva feminina. Brown enfatiza o importante papel desempenhado pela Heineman ao publicar autores africanos já conhecidos e lançar outros novos. Stratton, no entanto, lembra que, após o lançamento de *Things fall apart* em 1958, foram necessários oito anos para que a mesma editora publicasse um romance escrito por uma mulher africana, justamente o *Efuru*, de Nwapa, sendo tal obra o vigésimo sexto título impresso e distribuído por aquela editora.

# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

O segundo romance escrito por uma mulher e publicado pela Heineman foi *Idu*, também de Nwapa, cuja publicação se deu no ano de 1970, consistindo no trigésimo título da companhia. Brown argumenta que os dois romances de Nwapa, *Efuru* e *Idu*, foram construídos, de forma bastante relevante e original, levando-se em conta a coexistência entre estratégias narrativas advindas da tradição oral africana e do romance de molde ocidental. Mas essa experimentação passou, em grande parte, despercebida da crítica da época, mais interessada em narrativas e temas de fundo mais explicitamente político.

Tsitsi Dangarembga, nascida em 1959, já faz parte de uma segunda geração de autoras africanas. Tendo passado sua primeira infância na Grã-Bretanha, iniciou ali sua alfabetização em língua inglesa, que ela considera a sua primeira língua. Retornou ao Zimbábue aos seis anos de idade, em 1965, terminando sua educação primária na escola missionária de Mutare, na qual teve que reaprender a língua nativa xona. No ano de 1977, voltou para a Inglaterra para estudar medicina na Universidade de Cambridge, regressando novamente à Rodésia em 1980, antes de concluir a faculdade e do país declarar-se independente, passando a estudar psicologia. Em 1988, publicou o romance *Nervous conditions*, que havia sido escrito quatro anos antes, quando ela tinha apenas 25 anos. Na próxima seção, verificaremos como o tema da educação formal para as mulheres africanas é o fio condutor da narrativa desse romance, caracterizando sua principal discussão.

### **3 NERVOUS CONDITIONS: A BUSCA PELA EDUCAÇÃO FORMAL**

A personagem principal e também narradora de *Nervous conditions* é Tambudzai Sigauke ou apenas Tambu, e sua história se passa em um ambiente familiar de cultura xona. O romance se situa na iminência da guerra de libertação na década de 1960, na Rodésia, atual Zimbábue. Tambu fala em retrocesso, situada em algum ponto de sua vida adulta, buscando reavaliar suas memórias de infância e juventude. Nesse passado, um fato marcante se dá quando ela tem treze anos, em 1968, e seu irmão

Nhamo morre. A lembrança desse episódio desencadeia o desenrolar da narrativa, que se dará principalmente nas relações entre Tambu e sua família. Em suas descrições, a narradora também insere alguns cenários que nos levam a compreender as intervenções do colonialismo em sua aldeia. No início da narrativa, Tambu mora em uma propriedade rural, nas proximidades da cidade de Umtali, atualmente chamada de Mutare, considerada a terceira maior cidade do Zimbábue:

Se você tivesse tempo, poderia sair da estrada em direção às áreas mais arborizadas para procurar *matamba* e *matunduru*. Doce e azedo. Deliciosos. A partir dessa parte florestal, a estrada corria para uma ravina rasa, um vale de rio cuidadosamente decorado ao longo de seu leito, com pedras lisas e achatadas que se tornavam um equipamento excitante para todos os tipos de brincadeiras infantis. [...]

O rio, as árvores, as frutas e os campos. Era assim que era no início. É assim que eu me lembro dali em minhas primeiras recordações. Mas não permaneceu assim (DANGAREMBGA, 2004, pp. 02-03).<sup>5</sup>

Esse cenário, fixado na memória da personagem, havia mudado ainda antes da morte de Nhamo, quando o governo colonial resolveu construir um conjunto de casas populares próximas à propriedade da família, e isso gerou o estabelecimento de um comércio local e o surgimento de vias de transporte coletivo para a localidade. Tambu lamenta o fato de que, depois dessas alterações, o rio Nyamarira, que era o lugar em que sua família costumava banhar-se, tornou-se passagem para um afluxo grande de pessoas. No comércio local que se expande, Tambu também registra o novo hábito dos jovens de consumir “Coca-cola” e “Fanta”. Essa sua observação revela o contraste entre sua vida tradicional na aldeia até então e a introdução da modernidade, que começava a fazer parte do cotidiano, com a inserção de produtos oriundos do mundo ocidental capitalista.

---

<sup>5</sup> No original, “If you had time you could run off the road into more wooded areas to look for *matamba* and *matunduru*, Sweet and sour. Delicious. From this woody section the road rolled down into a shallow ravine, a river valley thoughtfully appointed along its floor with smooth, flat-topped boulders which made exciting equipment for all sorts of our childhood games. [...] The river, the trees, the fruit and the fields. This was how it was in the beginning. This is how I remember It in my earliest memories, but it did not stay like that”.

# AFLUENTE

*Revista Eletrônica de Letras e Linguística*

As transformações ocorridas nos cenários nativos são novamente evidenciadas na viagem da personagem até a cidade de Umtali, sendo levada por um funcionário de sua escola, com o objetivo de conseguir dinheiro para pagar seus estudos. Ao chegar à cidade grande, ela viu muitos carros que trafegavam por uma “rua larga curiosamente controlada por luzes em um poste. Quando a luz de cima acendia, todos os carros paravam. Quando a luz de baixo acendia, todos voltavam a mover-se! Eu me perguntava como as luzes sabiam se ligar e desligar sozinhas” (DANGAREMBGA, 2004, p. 27).<sup>6</sup> Nesse seu relato, vemos que Tambu estava a descobrir um mundo diferente do que até então conhecia. O olhar ainda inexperiente que lança para os semáforos permite ao leitor perceber que seu país está em transformação sob a influência ainda recente do Império Britânico, que, na época, colonizava seu país.

A narrativa de Tambu não inclui apenas o intervalo de sua vida, o período de seu tempo presente, mas compreende também a história de seu país, que ela pôde conhecer através das narrativas contadas por sua avó sobre seus ancestrais e sobre o trabalho na terra. Segundo a sua narração, as mulheres xonas aprendiam cedo a lidar com o cultivo das lavouras, sendo elas tradicionalmente as responsáveis por plantar e colher os alimentos para a família.

As narrativas da avó ecoam apenas em sua lembrança, uma vez que ela já tinha morrido quando se inicia a história. A avó certamente foi uma figura feminina importante na vida da jovem. Tambu se inspira, em seus ensinamentos, quando decide plantar milho para posteriormente vender na cidade e conseguir dinheiro para as anuidades escolares:

Minha avó, que tinha sido uma cultivadora incansável da terra, semeando sementes e colhendo em ricas plantações, literalmente, até o seu último momento. Quando eu era pequena demais para ser nada mais do que um obstáculo nos campos da família, costumava passar muitas horas produtivas de trabalho com a minha avó sobre o lote de terra que ela chamava de seu jardim. Nós cavávamos lado a lado as tiras laterais de terra, definindo-as em

---

<sup>6</sup> No original, “wide street curiously guarded by lights on a pole. When the top light was burning all the cars stopped. When the bottom light came on, we all moved again! I wondered how the lights knew to switch themselves on and off”.

# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

fileiras de plantas de milho, que regávamos uma a uma. [...] Eu poderia manter o ritmo com ela [...]. Elogiando a minha predisposição para o trabalho, ela consolidou isso em mim como um hábito desejável e agradável (DANGAREMBGA, 2004, p. 17).<sup>7</sup>

Além de contribuir para a sua formação cultural, a avó de Tambu também ajuda a neta a resistir aos paradigmas do patriarcado, demonstrando, por meio de exemplos, que a mulher pode prover seu sustento e ir à luta por independência. Outra grande contribuição é o conhecimento da história de seu povo e de seu país possibilitada pelas histórias que a avó conta. Antes da colonização, a vida era dura e o trabalho pesado, mas as pessoas viviam em solo fértil, de pasto repleto de gado, e havia alimentos suficientes. Com a invasão dos europeus, a quem sua avó, em suas narrativas, chamava de “*wizards*”, ou seja, magos, feiticeiros, essa situação se alterou drasticamente. Os magos eram gananciosos e lhes tomaram todas as terras férteis, sobrando aos nativos apenas solos arenosos e ruins para o plantio.

Logo as famílias tiveram dificuldade de se sustentar, e alguns homens tiveram que abandonar a própria lavoura para trabalhar nas fazendas dos europeus, numa situação praticamente análoga à escravidão. Nessas narrativas, sua avó revelava que as mulheres e crianças não tinham serventia para os magos brancos, tendo sido deixadas pelos maridos e pais à própria sorte, com a responsabilidade de sua subsistência. Esse seria um dos mecanismos que intensificou a subjugação das mulheres africanas durante o colonialismo, já que elas tiveram menos oportunidades de trabalho que os homens, sendo que até mesmo assegurar seu próprio sustento era mais difícil, pois só lhes restaram os solos mais pobres.

Mais tarde, chegaram os europeus que trouxeram a missão religiosa para a comunidade. Com eles, foi introduzida a educação de molde ocidental. Em busca de melhores condições de vida, sua avó entregou aos cuidados dos missionários seu filho

---

<sup>7</sup> No original, “My grandmother, who had been an inexorable cultivator of land, sower of seeds and reaper of rich harvests until, literally until, her very last moment. When I was too small to be anything more than a hindrance in the family fields, I used to spend many productive hours working with my grandmother on the plot of land she called her garden. We hoed side by side strips of land defined by the row of maize plants each carried. [...]I could keep pace with her [...] Praising my predisposition towards working, she consolidated it in me as a desirable habit”.

# AFLUENTE

*Revista Eletrônica de Letras e Linguística*

mais velho, Mukoma/Babamukuru, que viria a se tornar o principal mantenedor da família. Posteriormente, Nhamo também seria mandado para a missão, enquanto Tambu sonhava em ter o mesmo destino. Ainda que a narrativa propriamente dita de Tambu ocorra num momento já mais próximo do fim do período colonial no Zimbábue, ela se mescla ao passado de sua cultura e à história do início da colonização, presentes nas narrativas de sua avó, o que ajuda a compor um quadro mais amplo do contexto em que se passa o romance.

Além de Tambu e de sua avó, o enredo gira em torno de um pequeno grupo de mulheres que fazem parte de sua família: sua mãe, Ma'Shingayi, sua tia Maiguru, sua prima Nyasha e sua tia Lucia.

A mãe de Tambu, Ma'Shingayi, é um exemplo da mulher tradicional, desempenhando o papel subalterno a que estavam relegadas às mulheres no Zimbábue. Como a maioria das mulheres de sua cultura, não frequentou a escola e nem recebeu qualquer tipo de instrução formal. Sua vida se resume a cuidar dos filhos, da casa, do marido e do plantio. Além disso, sofre calada ao ser privada da companhia de seus dois filhos, primeiro Nhamo e depois Tambu, que vão estudar na missão com o objetivo de buscar um futuro melhor para a família.

Maiguru, tia de Tambu e esposa de Babamukuru ou Baba, é uma mulher estudada, com um título de mestrado, mas ainda assim submissa às vontades de seu marido. Ela, assim como Baba, dá aulas na escola da missão em que ele é o diretor. Porém, seu dinheiro é controlado pelo esposo, e ela se dedica a ser uma boa esposa e mãe. Já a personagem Lucia, tia materna de Tambu, é retratada como uma mulher à frente de seu tempo, sem se importar com a opinião das outras pessoas e sem aceitar o controle dos homens. Apesar de seu espírito livre, para conseguir fugir do destino convencional das mulheres de sua família na época, ela pede ajuda a Babamukuru para conseguir um emprego e, posteriormente, para continuar os estudos.

Há ainda a prima de Tambu, Nyasha, filha de Maiguru e Baba, sobre quem a narradora primeiramente se refere como alguém com quem ela conviveu pouco na infância. Nyasha e o irmão Childo haviam sido levados para a Inglaterra junto com seus

# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

pais, quando eles foram estudar lá. Anos mais tarde, as primas se reencontraram na festa em comemoração ao retorno da família de Babamukuru da Inglaterra. E, quando Tambu vai para a escola missionária e se muda para a casa dos tios, seu convívio com Nyasha torna-se mais intenso, e desse relacionamento vão surgir importantes contrapontos na narrativa em relação à situação das mulheres jovens no Zimbábue.

Assim, Dangarembga, ao retratar essas cinco mulheres, procura representar a situação das mulheres em um mundo colonial dominado pelos homens. As histórias de todas essas personagens aparecem entrelaçadas à de Tambu, e ela termina a narrativa de *Nervous conditions* com a seguinte afirmação:

Foi um processo cujos eventos se estenderam ao longo de muitos anos e que preencheriam um outro volume, mas a história que contei aqui é a minha própria história, a história de quatro mulheres que amei e de nossos homens, essa história é como tudo começou. (DANGAREMBGA, 2004, p. 208).<sup>8</sup>

Como já mencionado, uma das questões que os estudiosos atribuem ao atraso no ingresso das mulheres na escrita do romance africano seria o fato de que elas não tinham oportunidades de estudos iguais às dos homens africanos. A razão para isso envolve a situação de dupla opressão que viviam, combinando os costumes patriarcais tradicionais com as estruturas de dominação masculina envolvidas no colonialismo.

Os temas sobre a educação formal para as mulheres são explorados por muitas autoras africanas em seus romances. A luta para obter educação é também um dos principais temas de Dangarembga, em *Nervous conditions*, uma vez que Tambu se esforça para se instruir, buscando escapar da condição subalterna tradicional das mulheres em sua sociedade. Esse esforço está relacionado à existência de seu irmão mais velho, cuja morte não a deixou triste:

---

<sup>8</sup> No original, “It was a process whose events stretched over many years and would fill another volume, but the story I have told here, is my own story, the story of four women whom I loved, and our men, this story is how it all began”.

# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Eu não estava triste quando meu irmão morreu. Nem estou pedindo desculpas pela minha insensibilidade, como você pode defini-la, minha falta de sentimento. Não é nada disso. Eu sinto muito mais hoje em dia do que era capaz de sentir na época em que era jovem e meu irmão morreu, e há razões para isso mais do que a mera consequência da idade (DANGAREMBGA, 2004, p. 1).<sup>9</sup>

Tal insensibilidade está entrelaçada ao fato de ter ele sido escolhido três anos antes pelo tio Babamukuru para estudar na escola da missão. Não havendo dinheiro para que todas as crianças estudem e também sem ser possível que a família dispense o trabalho de outro membro, Nhamo é o selecionado por ser o único filho do sexo masculino do pai de Tambu. Assim, o gênero impede que Tambu obtenha aquilo que mais deseja, que é a chance de educar-se. Tradicionalmente, era sempre o filho homem quem prosseguia com os estudos, principalmente quando havia poucos recursos. Assim, ele poderia, no futuro, ajudar financeiramente a família.

Com a morte do irmão, contudo, Tambu tem a oportunidade de continuar seus estudos porque não tem outros irmãos homens (apenas bem mais tarde, sua mãe dará à luz outro menino, Dambudzo) e é a filha mais velha. Ela assume, então, a função de, no futuro, ser um arrimo para sua família, necessitando, para isso, educar-se o máximo possível. Como ansiava ardentemente por essa chance, a tristeza pela morte do irmão foi ofuscada pela alegria de ver seu sonho realizado. A narrativa de Tambu enfoca principalmente sua trajetória de estudante. Então, podemos dizer que o tema principal do romance é a questão da educação da mulher africana ainda durante o período colonial, com todas as dificuldades e transformações que pode acarretar.

Ela começa em igualdade de condições com seu irmão, frequentando como ele inicialmente a escola de ensino fundamental da aldeia. Mas depois de um certo tempo, num ano em que a colheita havia sido particularmente ruim, a família não tem mais condições de continuar pagando a escola para os dois filhos, mas apenas para

---

<sup>9</sup> No original, “I was not sorry when my brother died. Nor am I apologising for my callousness, as you may define it, my lack of feeling. For it is not that at all. I feel many things these days, much more than I was able to feel in the days when I was young and my brother died, and there are reasons for this more than the mere consequence of age”.

# AFLUENTE

*Revista Eletrônica de Letras e Linguística*

Nhamo. Então, mesmo antes da escolha do tio Babamukuru, Tambu já fora preterida em relação a seu irmão e em virtude de seu gênero. Apesar de ser compreensiva diante da penúria dos pais, ela não aceita a situação:

Eu entendia que vender vegetais não era um negócio lucrativo. Eu entendia que não havia dinheiro suficiente para pagar as minhas taxas. Sim, eu entendia por que não poderia voltar para a escola, mas eu amava ir à escola e era boa nisso. Portanto, minhas circunstâncias me afetavam profundamente. Meu pai achava que eu não devia me importar. 'Há alguma coisa para se preocupar? A-a-ah, não é nada', ele me assegurava, com sua habilidade usual de pegar o caminho mais fácil. 'Você pode cozinhar livros e alimentar seu marido com eles? Fique em casa com sua mãe. Aprenda a cozinhar e limpar. Cultive vegetais' (DANGAREMBGA, 2004, p. 15).<sup>10</sup>

Nas entrelinhas da fala do pai de Tambu, transparece um desejo para que ela se conforme com sua situação, assim como ele se conformou com o fato de que apenas seu irmão mais velho teve a oportunidade de estudar. Essa resignação, porém, parece estar ancorada num incômodo: “[m]as Mukoma [Babamukuru] teve sorte. Ele teve uma chance. Foi para a missão cedo na vida. Os missionários cuidaram tão bem dele, sabe, que os livros, a-a-ah, os livros vieram naturalmente” (DANGAREMBGA, 2004, p. 05).<sup>11</sup> Jeremias revela nessas palavras que o que distinguiu seu irmão dele próprio foi a sorte e não um talento especial. Além disso, ele parece ter usado o sucesso de seu irmão como pretexto para a sua própria acomodação, colocada em risco apenas quando Babamukuru foi para a Inglaterra para concluir seu mestrado:

Meu pai, é claro, pensando que cinco anos sem o seu irmão para sustentá-lo era um longo tempo no qual seria obrigado a se sustentar sozinho, consolava-se com o fato de saber que, no retorno de Babamukuru, com suas altas

---

<sup>10</sup> No original, “I understood that selling vegetables was not a lucrative business. I understood that there was not enough money for my fees. Yes, I did understand why I could not go back to school, but I loved going to school and I was good at it. Therefore, my circumstances affected me badly.

My father thought I should not mind. 'Is that anything to worry, about? Ha-a-a, it's nothing, 'he reassured me, with his usual ability, to Jump whichever way was easiest. 'Can you cook books and feed them to your husband? Stay at home with your mother. Learn to cook and clean. Grow vegetables”.

<sup>11</sup> No original, “But Mukoma was lucky. He got the chance. He went to the mission at an early age. The missionaries looked after him so well, you know, that the books, ha-a-a, the books came naturally.”

# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

qualificações, ele poderia sustentá-lo de forma ainda mais abundante do que antes (DANGAREMBGA, 2004, p. 14).<sup>12</sup>

Assim, Dangarembga coloca em contraponto dois tipos de seletividade para os estudos, aquela entre irmãos do sexo masculino de idades diferentes e aquela entre irmãos de sexos/gêneros diferentes. Jeremias também se ressentia por não ter tido a mesma oportunidade que seu irmão, mas não manifesta explicitamente esse descontentamento. A saída encontrada por ele é uma espécie de vingança infantil, tornando-se um fardo para o irmão. Apesar disso, ele incentiva sua filha a se resignar, sobretudo em virtude do seu gênero. Espera que ela aja como é esperado de uma mulher, aprendendo a realizar trabalhos domésticos que agradem ao seu futuro marido e ajudem no cuidado dos filhos. A ironia reside talvez no fato de que a “falta de sorte” de Jeremias o coloca também na “posição feminina” de depender economicamente de um homem. Porém, ao contrário das mulheres da família, que trabalham duro, e de Tambu, que não mede esforços para atingir seus objetivos, Jeremias se reservou o direito de ser displicente, experimentando também seu privilégio masculino ao atribuir todo o trabalho pesado a sua mulher e filhas.

Tambu não se conforma com o fato de não poder estudar por falta de dinheiro e decide cultivar milho no campo, seguindo os ensinamentos de sua avó, para vender as espigas em Umtali. Quem lhe dá esse conselho é Mr. Matimba, uma espécie de preceptor na escola, que promete levá-la de carro e ajudá-la nas vendas. Já no mercado de Umtali, a menina experimenta uma situação tensa com as pessoas brancas que circulavam por ali:

'Chocante, simplesmente chocante', protestou Doris [uma senhora branca que passava por ali]. [...] 'Hei, rapaz, sim, você', ela disse, erguendo sua voz para se dirigir a Mr. Matimba. 'Ela é sua filha?' Sem esperar pela resposta, ela lhe disse o que ia em sua cabeça. 'Trabalho infantil. Escravidão! É isso que é [...]. A criança deveria estar na escola, aprendendo a sua tabuada e ficando fora de problemas', ela protestou. 'Ora, não me diga que não há escolas, rapaz,

---

<sup>12</sup> No original, “My father, of course, thinking that five years without his brother to provide for him was a long time in which to be obliged to provide for himself, consoled himself with the knowledge that on Babamukuru's return with his high qualifications, he would be provided for more abundantly than before. My mother was hopeful”.

# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

porque eu sei que o Governador está fazendo muito pelos nativos no que se refere à educação'.

'Eles são *kaffirs*', exclamou um jovem [branco]. 'Não querem aprender nada. Assim como não querem trabalho pesado'.

[...]

Mr. Matimba falou por si mesmo. Falou tristemente e implorou. Doris escureceu como um camaleão. O dinheiro mudou de mãos, uma cédula das mãos de Doris para as de Mr. Matimba. O rapaz musculoso ficou contrariado. 'Isso é mais do que duas caixas de *shumba*. Desperdiçadas num *kaffir*!' [...] Eu ofereci minha cesta, repetindo meu slogan, para que ela escolhesse as maiores espigas. Ela deu tapinhas na minha cabeça e me chamou de negrinha corajosa (DANGAREMBGA, 2004, pp. 28-29).<sup>13</sup>

Nesse trecho, notamos a hipocrisia dos brancos que tinham se instalado no Zimbábue e tomado as terras dos nativos. Doris se diz chocada com o que chama de escravidão, ao ver uma criança nativa vendendo milho no mercado. Mas provavelmente não reconhece que a causa disso é a exploração exercida pelos britânicos e seus descendentes, grupo do qual ela faz parte, contra o povo zimbabuense. Não admite para si mesma e nem se questiona se a menina é levada a isso pela própria condição de miséria em que vive e que é também fruto do colonialismo. Se os brancos, como diz Doris a respeito do Governador, trouxeram a educação ocidental para as colônias, o seu acesso não foi universal para os nativos. Ao contrário, apenas poucos puderam usufruir dela. E as mulheres foram as principais excluídas. Por essa razão, Tambu estava ali vendendo milho, justamente em busca de condições financeiras para continuar a estudar.

Mr. Matimba parece ter desenvolvido uma estratégia de sobrevivência para lidar com situações como essa. Ao invés de reagir aos insultos (é chamado inclusive de *kaffir* pelo jovem que assistia à cena, o que é um modo extremamente pejorativo usado

---

<sup>13</sup> No original, "Shocking, simply shocking; protested Doris.[...] Oi, young man, yes you!' she said, raising her voice to address Mr Matimba. 'Is she your little girl? Without waiting for an answer she gave him a piece of her mind. 'Child labour. Slavery. I That's what it is.[...] 'The child ought to be in school, learning her tables and keeping out of mischief,' she railed. 'Now, don't tell me there aren't any schools, young man, because I know the Governor is doing a lot for the natives in the way of education.' 'They're kaffirs,' interjected the youth. 'They don't want to learn anything. Too much like hard work.' Mr Matimba did speak for himself. He spoke most sorrowfully 'and most beseechingly. Doris darkened like a chameleon. Money changed hands, paper money from Doris' hands to Mr Matimba's .The beefy youth was disgusted. 'That's more than two crates of shumba. Wasted on a kaffir!' Doris allowed her husband to lead her away. I offered my basket, repeating my slogan, for her to choose the biggest cobs. She patted my head and called me a plucky piccannin".

pelos colonizadores para se referir aos africanos negros), ele se coloca na posição de quem está se desculpendo e implorando por ajuda. Sabe que não pode bater de frente com os brancos e finge humilhar-se para conseguir o que precisa:

[e]le havia dito a ela que eu era uma órfã, cuidada pelo irmão de meu pai, mas [...] não havia sido enviada para a escola por falta de dinheiro. Havia dito que eu era muito inteligente, que trabalhava duro e que estava vendendo espigas para conseguir pagar as taxas escolares (DANGAREMBGA, 2004, p. 29).<sup>14</sup>

Apelando para a piedade de Doris, ele consegue uma boa quantia em dinheiro, e Tambu tem o suficiente para estudar, na escola fundamental, por alguns anos. Contudo, mesmo prosseguindo com sua educação formal, Tambu não se esquece do importante papel de sua avó em sua formação: “[e]la me deu aulas de história também. História que não pode ser encontrada nos livros didáticos” (DANGAREMBGA, 2004, p. 17).<sup>15</sup> A avó contribuiu para que Tambu criasse alicerces sólidos que mais tarde a ajudariam a enfrentar situações complexas de conflito cultural.

Possivelmente é o legado da avó que impede que Tambu se transforme negativamente com a educação colonial, como o que ocorreu com seu irmão:

Toda essa pobreza começou a ofendê-lo ou pelo menos a embaraçá-lo depois que ele foi para a missão, de um modo que não havia feito antes. Antes de ele ir para a missão, nós éramos capazes de concordar que, embora nossa miséria fosse brutal, ela era inexoravelmente nossa; que o fardo de dissipá-la era, como resultado, nosso também. Mas então algo que ele viu na missão virou sua cabeça a ponto de pensar que nossa casa não tinha mais nenhum apelo para ele, de forma que, quando vinha de férias, era como se não tivesse vindo: não era muito sociável. Ajudar nos campos ou com o gado ou com a lenha, qualquer uma das tarefas que costumava fazer de bom grado antes de ir para a missão se tornou uma piada de mau gosto (DANGAREMBGA, 2004, p. 07).<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> No original, “he had told her that I was an orphan, taken in by my father's brother, but [...] had not been sent to school for lack of fees. He had said that I was very clever, very hardworking and was selling mealies to raise my school fees with his assistance”.

<sup>15</sup> No original, “She gave me history lessons as well. History that could not be found in the textbooks”.

<sup>16</sup> No original, “All this poverty began to offend him, or at the very least to embarrass him after he went to the mission in a way that it had not done before. Before he went to the mission, we had been able to agree that although our squalor was brutal, it was uncompromisingly ours; that the burden of dispelling it was, as a result, ours too. But then something that he saw at the mission turned his mind to thinking that. our homestead no longer had any claim upon him, so that when he did come home for his vacations, It was  
Afluyente, UFMA/Campús III, v.1, n.3, p. 133-156, out./dez. 2016 ISSN 2525-3441

Tambu se transforma com as possibilidades que se descortinam para ela, mas não a ponto de repudiar ou desdenhar seus pais, seu local de origem e seu antigo modo de vida. Ela continua sendo uma filha leal e zelosa de seus deveres. Nisso também se desenha uma oposição entre duas atitudes diferentes dos africanos em relação à educação de molde europeu. Nhamo simbolizaria aqueles africanos que assimilaram os valores ocidentais e se afastaram dos valores locais enquanto Tambu seria a imagem dos nativos que negociaram entre as duas tradições, modernizando-se, mas sem esquecer as origens.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É possível ainda acrescentar que a narradora acaba sendo bem-sucedida em seus esforços para obter a educação formal porque as demais personagens femininas do romance também a ajudam de forma prática. Até mesmo sua avó, através de seus ensinamentos, contribui para a base do entendimento de sua cultura natal, sendo que é talvez a falta dessa base cultural que não permite que a prima Nyasha tenha o mesmo sucesso educacional. A mãe de Tambu também, em alguns momentos, encoraja as decisões de sua filha, como por exemplo, quando intervém a seu favor quando seu pai se recusa a lhe dar algumas sementes para o plantio de milho. Com a intervenção da mãe, ele acaba cedendo, o que permite posteriormente, com a venda das espigas, que Tambu continue a estudar. Sua tia Lucia também a auxilia, ao assumir o papel de cuidar de Ma'Shingayi quando ela adoece, permitindo que a narradora permaneça estudando.

Sua tia Maiguru é mais uma vez imprescindível, quando Tambu consegue passar nos rígidos testes do Colégio Sagrado Coração, e Babamukuru está resoluto em não permitir que ela assuma a vaga na escola do convento, para que não sofra a má influência dos valores ocidentais em uma escola secundária multirracial. Maiguru, então, defende a sobrinha e posiciona-se contrária à opinião de seu esposo: “[t]udo o

---

as If he had not: he was not very sociable. Helping in the fields or with the livestock or the firewood, any of the tasks he used to do willingly, before he went to the mission, became a bad joke”.

que sei é que, se a nossa filha Tambudzai não é uma pessoa decente agora, ela nunca será, não importa a que escola vá. E, se ela é decente, então, esse convento não deve mudá-la” (DANGAREMBGA, 2004, p. 184).<sup>17</sup> Assim, Maiguru convence seu esposo a permitir que Tambu continue seus estudos no Sagrado Coração.

No entanto, ironicamente, a questão da obtenção da educação, que é o objetivo fixo ao qual Tambu permanece fiel até o final do romance, a torna insensível à necessidade de também praticar essa solidariedade feminina, quando Nyasha perde sua conexão com a realidade e se desestrutura através da anorexia, ficando internada em uma clínica. Diante da doença da prima, Tambu não consegue ser solidária, pois seu único objetivo é continuar a estudar. Tambu deixa sua prima sozinha, mesmo sabendo que: “[s]entia que Nyasha precisava de mim, mas a verdade era: eu tinha que ir para a escola” (DANGAREMBGA, 2004, p. 206).<sup>18</sup> Assim, a educação formal é retratada de modo ambíguo no romance, como algo que pode envolver a perda de importantes expedientes culturais, mas simultaneamente como algo que deve ser buscado a qualquer custo porque seria o principal instrumento de emancipação para as mulheres africanas. Parece ser ainda necessário, contudo, um questionamento a respeito do reforço dos valores eurocêntricos proporcionado por uma educação desse tipo, empreendimento a que Dangarembga parece ter se dedicado em seu segundo livro, *The book of not* (2006).

## REFERÊNCIAS

- ACHEBE, Chinua. **Things fall apart**. New York: Anchor Books, 2009 [1958].
- AIDOO, Ama Ata. To be an African woman writer – An overview and a detail. In: OLANIYAN, Tejumola; QUAYSON, Ato (ed.). **African literature – an anthology of criticism and theory**. Malden, USA: Ed Blackwell, 2009, pp 513-519.
- BROWN, Lloyd Wesley. **Women writers in Black Africa**. Westport; London: Greenwood Press, 1981.

---

<sup>17</sup> No original, “All I know is that if our daughter Tambudzai is not a decent’ person now, she never will be, no matter where she goes to school. And if she is decent, then this convent should not change her”.

<sup>18</sup> No original, “I felt Nyasha needed me but it was true: I had to go to school”.



DANGAREMBGA, Tsitsi. **Nervous conditions**. Banbury: Ayebia Clarke Publishing, 2004 [1988].

NWAPA, Flora. Woman and Creative Writing in África In: OLANIYAN, Tejumola; QUAYSON, Ato (ed.). **African literature – an anthology of criticism and theory**. Malden, USA: Ed Blackwell. 2009, pp 526-532.

STRATTON. Florence. **Contemporary African literature and the politics of Gender**. New York: Routledge, 1994.

UWAKWEH. Pauline Ada. Debunking patriarchy: the liberational quality of voicing in Tsitsi Dangarembga's “Nervous conditions”. **Research in African Literatures**, vol. 26, no. 01. New Voices in African Literature (Spring, 1995), pp. 75-84 Published by: Indiana University Press. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3820089>>. Acesso em: 28 jan. 2016.